

ANAIS DO CONGRESSO DA SOTER
ISSN: 2317-0506

27º Congresso Internacional da Soter / 2014
Tema: Espiritualidades e Dinâmicas Sociais: Memória - Prospectivas
Local: PUC Minas, 15 a 18 de julho de 2014
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
SOTER – Sociedade de Teologia e Ciências da Religião

Os textos publicados são de responsabilidade de cada autor.

Projeto Gráfico e Diagramação: Verônica Cotta
Capa: Tiago Parreiras
Foto: Gustavo Basso

Publicação eletrônica:
Belo Horizonte, 2014

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

C749a Congresso Internacional Sociedade de Teologia e Ciências da Religião -
Anais do 27º Congresso Internacional da SOTER: espiritualidades e dinâmicas
sociais: memória – prospectivas / Organização SOTER. Belo Horizonte: SOTER,
2014.

Anual
2730 p.

ISSN: 2317-0506

1. Espiritualidade - Congressos. 2. Cultura - Aspectos sociais. 3. Pluralismo religioso.
I. Sociedade de Teologia e Ciências da Religião. II. Título.

CDU: 248

Bem comum, conexão e comunhão: Movimentos sociais e espiritualidades do ciberespaço

Aline Amaro da Silva^{1*}

Resumo: *Conexão, bem comum, comunidade, comunhão, termos semelhantes, porém, distintos, que expressam o espírito de nossa cultura e sociedade em rede. Mais ainda, essas palavras abordam o modo como vivemos nossa espiritualidade e nosso agir político hoje. Superando as ideologias, crenças, etnias, culturas, barreiras geográficas, e até mesmo a preguiça, o medo e o conformismo, as pessoas em nível global se uniram para reivindicar por justiça, paz, segurança e dignidade. Começou na internet e depois tomou as ruas das principais cidades do mundo. Aconteceu o inesperado: ditaduras foram derrubadas, governos e políticos corruptos foram denunciados, a mídia tornou-se suspeita. Que elementos de espiritualidade estão presentes nesses movimentos? Que movimentos brotam da espiritualidade na rede? Neste estudo, buscar-se-á pensar a fé à luz das realidades sociopolíticas atuais e a realidade à luz da fé. Para isso, é preciso compreender o ciberespaço como espaço público de fé e de debate social. O objetivo do trabalho é refletir criticamente sobre a espiritualidade e as dinâmicas sociais na internet, através do método de pesquisa bibliográfica. A fim de se entender a sociedade em rede, utilizar-se-ão as obras de Manuel Castells. No campo teológico da ciberteologia, ainda em desenvolvimento, a pesquisa terá como base as concepções de Antonio Spadaro e as reflexões sobre ética e espiritualidade.*

Palavras-chave: *Ciberteologia. Redes Sociais. Movimentos Sociais. Espiritualidade.*

Introdução

A rede de relações on-line modificou todas as estruturas da sociedade, facilitou até mesmo a organização social pela digitalização de todos os sistemas públicos e privados. A internet é utilizada hoje em todas as áreas de conhecimento, tanto para pesquisar quanto para divulgar resultados de pesquisas. E mesmo informações pessoais são facilmente encontradas na “nuvem” como se observa nas redes sociais.

A internet pode ser considerada a versão 2.0 da ágora, a praça onde os cidadãos de Atenas se reuniam para discutir e decidir suas políticas públicas. Com essa comparação queremos dizer que o ciberespaço é um lugar sociopolítico que oportuniza um maior envolvimento do cidadão nas questões políticas. Por dar voz e vez a diferentes grupos sociais e indivíduos, a rede proporciona um empoderamento

¹ * Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo na FAMECOS/PUCRS. Mestranda em Teologia na FA-TEO/PUCRS. Bolsista CAPES. E-mail: aline.amaro@acad.pucrs.br

político principalmente àqueles que possuam maior capacidade e determinação de usufruí-la. O teólogo Ferdinand define ciberpoder como “[...] o meio pelo qual indivíduos ou grupos na sociedade usam a internet para alcançar seus objetivos” (FERDINAND, 2005, p. 33). Em 2005, ainda era prematura a ideia de usar o ciberpoder para o bem comum, mas hoje essa luta já se tornou realidade em níveis nacionais e internacionais através das redes sociais. No presente artigo trazemos os exemplos da *Wikileaks* e da *Avaaz* como grupos de perfis distintos, porém com grande capacidade de mobilização global.

Apesar de a internet ter sido criada originalmente para que ninguém fosse capaz de controlá-la, ela somente detém o poder que os seres humanos lhe concederem. A rede é uma *imago societati*, isto é, uma representação da sociedade, ou ainda, uma extensão desta que mimetiza seus comportamentos, tendências, linhas de pensamento e de ação. Isso não significa que não saia algo novo da rede; ao contrário, o que se percebe é que as comunicações e relações mediadas pela internet estão revolucionando as estruturas e o próprio comportamento da sociedade. Assim, rede e mundo se interferem e interpenetram, modificando-se mutuamente. Todos os grupos da sociedade global, especialmente os cristãos, têm o desafio de mobilizar cada vez mais as redes sociais para a construção do bem comum, vivenciando dessa maneira uma das dimensões do seu ser comunhão.

A tensão entre a existência física e a cibernética impulsiona a reflexão sobre uma ética digital. Passados mais de 20 anos do advento da internet, o mito de um mundo virtual separado do real já está sendo superado e a rede cada vez mais se torna parte da vida diária de um número crescente de pessoas. Da pluralidade de modelos de comunicação on-line ocasionam novas formas de comunidade, cujo pertencimento se dá através de interesses, causas, opiniões, ideologias, gostos culturais, estilos de vida, comportamentos em comum. Diante disso, surgem questionamentos: Como grupos tão heterogêneos podem unir-se em prol do bem comum? Como pessoas com visões de mundo até opostas podem conviver bem na mesma ambiência digital? Que tipo de espiritualidade emerge ou inspira essa vivência político-social da rede? Essas são indagações a serem refletidas nas páginas seguintes.

1 Movimentos sociais na internet

Os movimentos sociais se originam do confronto entre a injustiça existente nas sociedades e a sede do ser humano por justiça e igualdade. Geralmente surgem de um indivíduo ou um grupo descontente com a violação dos direitos e da dignidade da pessoa humana. A premissa básica para que um movimento social crie voz, força e

influência é a liberdade de expressão, a capacidade de se comunicar autonomamente com todas as esferas da sociedade, gerando assim reflexão e opinião pública sobre determinado tema (CASTELLS, 2013, p. 16). Aqui está o valor inestimável da internet para os movimentos sociais: um espaço em rede de comunicação autônoma e gratuita. O ciberespaço possibilita que pessoas “comuns” sem “poder” econômico, político ou midiático possam se expressar e sua mensagem ser recebida e compartilhada por dezenas, centenas ou até milhões de pessoas. Isso faz com que os detentores dos quatro poderes tornem-se vulneráveis aos indivíduos detentores do quinto poder, qualquer pessoa que possua um acesso à rede.

Mas o que é poder? Pelo uso indevido dos poderes, o senso comum entende poder como dominação, imposição de alguma autoridade que todos devem obedecer. Para Colin Hay, poder significa a capacidade dos atores sociais influenciarem o contexto que define a gama de possibilidades das outras pessoas, compondo-se de três dimensões. Primeira, o poder daqueles que tomam as decisões políticas, as autoridades constituídas. Segunda, o poder de agendamento das decisões. E por fim, o poder de alcançar a preferência por certas políticas (FERDINAND, 2005, p. 34). De acordo com Ferdinand, o ciberpoder tem maior potencial para formar preferências políticas e para a *agenda setting*, isto é, o agendamento de assuntos a serem debatidos pela opinião pública, obrigando certos temas a entrarem na pauta do governo. Isso se deve a capacidade da internet de proporcionar canais de comunicação horizontal mais diretos entre pessoas em tempo real, fazendo com que os grupos políticos consigam lançar desafios ao poder público de forma imediata. O ciberpoder resgata o significado original de poder como um direito de todos: *eu posso, tu podes, nós podemos*.

Quando se pondera uma ética para o ciberespaço deve se pensar numa ética global, valores e regras de conduta que sejam moralmente válidos a todos os povos. A grande diferença entre o sonho do *ethos* universal a ser imposto a todas as nações e a ética cibernética é que esta segue as características da cibercultura: *o Universal sem Totalidade* (LÉVY, 2000, p. 111-121). Isto é, respeita as diferenças de cada cultura formando uma unidade na diversidade.

A autonomia das redes digitais de comunicação constitui uma potencial ameaça aos poderes dominantes. Por este motivo diversos governos e instituições estão tentando “domar” o “livre arbítrio” cibernético. São inúmeras as ações de boicote à democracia digital, seja a censura a conteúdos “subversivos” em sites e ambientes digitais instigadores de diálogo e mobilização social, como ocorre na China, seja atividades ainda mais condenáveis como espionagem digital, invasão de sistemas de segurança e de privacidade de indivíduos, de entidades e de nações, como o caso recentemente divulgado de espionagem americana. Em

junho de 2013, Edward Snowden, ex-agente da CIA e ex-funcionário da Agência de Segurança Nacional norte-americana (NSA) revelou a existência de um Programa de Vigilância Global intitulado PRISM, desenvolvido pela NSA. Todas essas formas de ataque organizadas por indivíduos, grupos ou países através da rede mundial de computadores são denominadas *cyberwars* ou guerras cibernéticas (WIKIPÉDIA, 2014).

Na mesma medida em que os cidadãos normais foram “empoderados” de voz e influência sociopolítica em escala global através da internet, os governantes utilizam todos os seus recursos digitais para bloquear tal poder público. Mesmo que os “principados” e “potestades” deste mundo façam tentativas de inibir as iniciativas populares na rede, cada vez prolifera-se mais os movimentos e os grupos de ativistas sociais que dinamizam a manifestação de suas indignações e esperanças do ciberespaço às ruas. *Wikileaks* e *Avaaz* são dois exemplos de enfrentamento dos poderosos, da ousadia de fazer a diferença e da ingenuidade de acreditar que realmente “outro mundo é possível”.

1.1 *Wikileaks*: pioneirismo no jornalismo cidadão

Na opinião de Manuel Castells os movimentos sociais iniciam através da manifestação corajosa de um indivíduo ou grupo. É impossível falar em mobilização social na rede sem mencionar a *Wikileaks* e seu fundador, o jornalista e ciberativista australiano, Julian Assange. *Wikileaks* é uma entidade transnacional sem fins lucrativos com sede na Suécia que publica informações confidenciais de governos e instituições sobre assuntos de interesse público.

A *Wikileaks* surgiu como resposta à preocupação com toda a miséria e sofrimento humano causado pela corrupção de governos repressivos. Este grupo de ativistas percebeu como as tecnologias da informação facilitariam a propagação desta ideia em escala global. Fazendo paralelo com a visão cristã, os membros da *Wikileaks* poderiam ser chamados de “apóstolos da transparência institucional”. Embora não demonstrem adesão a qualquer crença, conforme a missão que procuram realizar e que acreditam que seja possível, a organização poderia adotar como lema: “[...] a verdade vos libertará” (Jo 8,32). Lançado em dezembro de 2006, em menos de um ano, o site já continha 1,2 milhões de documentos sigilosos (WIKILEAKS, 2014).

Administrada pela *The Sunshine Press*, a *Wikileaks* não tem nenhum vínculo com a *Wikipedia*, a não ser a semelhança do nome e a arquitetura da página. A organização assegura o anonimato das fontes, a não ser que os próprios desejem ser identificados. Essa história que parece mais ficção do que realidade virou tema de

vários livros e do filme “O Quinto Poder”.

O importante neste caso é que um site inicialmente simplório em sua estrutura, com poucos recursos financeiros e poucos voluntários foi capaz de estremecer a base diplomática e política das nações mais poderosas do mundo, divulgando desvios de conduta, corrupções, mentiras, omissões, crimes e injustiças de sistemas políticos que se sentiam impenetráveis e imperturbáveis. O sucesso está nos seus programas criptográficos de proteção ao denunciante que faz com que centenas de pessoas dos quatro cantos do planeta tenham coragem de abrir os pérfidos segredos dos regimes que as oprimem. Dessa forma, a *Wikileaks* fundou uma nova modalidade de jornalismo, o jornalismo cidadão, isto é, anunciar fatos ou conteúdos de interesse público que sejam princípios ativos de mudança social.

As denúncias de maior impacto mundial foram deflagradas contra os Estados Unidos. Durante o ano de 2010, foram publicados na íntegra cerca de 700 mil documentos secretos do governo americano que se dividiam em registros das guerras do Afeganistão e do Iraque e correspondências diplomáticas das embaixadas dos Estados Unidos em inúmeros países. Essa divulgação foi uma ação conjunta com três grandes jornais de credibilidade internacional: *The New York Times*, nos EUA, *The Guardian*, na Inglaterra, e *Der Spiegel*, na Alemanha. O autor do vazamento foi o jovem soldado americano Bradley Edward Manning, que acabou preso e processado pelos EUA. Dentre os milhares de materiais, suspeita-se que também estava o vídeo que ficou conhecido como “Assassinato Colateral”, que mostra soldados americanos de dentro de um helicóptero atirando e matando civis desarmados perto de Bagdá, incluindo dois repórteres da Agência *Reuters*.

1.2 *Avaaz*: movimento social globalizado

Diversos movimentos e comunidades de cunho social estão surgindo na rede. Com o objetivo de melhor exemplificar esse fenômeno, escolheu-se o site *Avaaz.org*. O termo *avaaz* significa “voz” ou “canção” em diversas línguas da Europa e da Ásia. Muito mais do que um sítio eletrônico, *Avaaz* é uma comunidade transnacional de mobilização on-line que deseja ser a voz da sociedade civil para a política global. Foi fundada em 2007, por iniciativa conjunta de duas comunidades digitais de ativistas, a *Res Publica*, a nível global, e a *Moveon.org*, que abrangia o território norte-americano. A lista de cofundadores ainda continha empreendedores sociais de destaque: Ricken Patel, presidente fundador e diretor executivo, Tom Periello, Tom Pravda, Eli Pariser, Andrea Woodhouse, Jeremy Heimans e David Madden. A *Avaaz* reúne digitalmente milhões de pessoas do mundo inteiro, de todos os credos e ideologias, a fim de que

se engajem em causas internacionais de grande urgência.

Atua principalmente através de petições, com repercussão muito mais eficaz do que o antigo método de abaixo-assinado impresso. As petições podem servir tanto para reivindicar leis de proteção a animais em extinção, defesa dos direitos da mulher, pacificação de zonas de conflito, como também para sugerir soluções a problemas climáticos. Ainda financia campanhas, dialoga com governos via e-mail ou telefone e organiza protestos nas ruas (AVAAZ, 2014). Por trás dessas ações está uma visão democrática e solidária da internet, utilizando-a na luta contra a corrupção, para salvar vidas e auxiliar países em crise.

Antes da era digital, os grupos sociais que operavam internacionalmente precisavam de uma força-tarefa para angariar apoiadores para cada causa, ano após ano, percorrendo país por país, formando escritórios nacionais, cada um com sua própria equipe, orçamento e estrutura para alcançar um número significativo que surtisse efeito na sociedade. Com a criação dos sistemas digitais e das redes sociais potencializou-se a construção de um espaço de discussão pública global. Isso permite a divulgação de campanhas com uma rapidez, flexibilidade e proporção inimagináveis há algumas décadas. A *Avaaz* atua com uma equipe central cujos integrantes estão situados em 18 cidades do mundo e utilizam ferramentas on-line para trabalhar em conjunto num “escritório virtual”. Além disso, são apoiados por uma rede internacional de milhares de voluntários. Os números demonstram a força deste movimento: são 36.704.291 membros presentes em 194 países que já realizaram 193.111.081 ações. A maior representatividade da *Avaaz* encontra-se no Brasil e na França.

A comunidade *Avaaz* tem por missão ser a voz do povo chamando a atenção para assuntos de interesse público e novas questões sociais, motivando o debate e a mudança social. Ela define suas prioridades consultando a opinião de todos os seus integrantes e depois efetua um plano de ação anual. O órgão administrativo da *Avaaz* busca exercer uma liderança servidora a seus membros, preparando materiais informativos breves sobre o tema e contexto da campanha a ser votada, deixando aos cidadãos a decisão de se envolverem ou não. O grupo forma parcerias com especialistas para desenvolverem estratégias de campanha mais eficazes e depois divulga os planos traçados via e-mail. Se os membros da *Avaaz* desejarem prosseguir com a ideia, ela garante a execução da campanha, entregando abaixo-assinados e mensagens a políticos e a departamentos governamentais, promovendo propagandas publicitárias, tomando todas as medidas necessárias em momentos históricos oportunos.

A *Avaaz* é financiada por doações particulares de seus integrantes realizadas via web. Durante toda a sua história, a comunidade já recebeu mais de 15 milhões

dólares em contribuições on-line. Por isso, a prestação de contas é uma prática essencial na construção da fidelidade à causa. A *Avaaz* rejeita todo tipo de auxílio oriundo do Estado ou de empresas privadas, portanto, as doações recebidas não podem ser abatidas do imposto de renda. Isso porque a *Avaaz* quer conservar sua liberdade e autonomia sem depender de qualquer governo.

O que garante a unidade dos membros da *Avaaz* são os valores e virtudes que estes vivem e compartilham. A liberdade é vivida tanto como valor quanto como virtude, pois a comunidade não busca o consenso de seus integrantes em todas as questões, cada pessoa é livre para decidir em quais deseja militar. Assim, os membros da *Avaaz* cultivam além da coragem de lutarem por aquilo que acreditam, as virtudes da fé, da esperança e da caridade. Fé porque aquilo que os une é a convicção de que todos os seres humanos são pessoas que possuem compromissos e responsabilidades umas para com as outras, com as futuras gerações e com todo o ecossistema terrestre. Não é explicitamente uma fé em Deus, mas é o primeiro e fundamental estágio da fé: a fé-confiança na vida (HURTADO, 2013, p. 91). Esperança porque sonham juntos em erguer a ponte entre o mundo em que se vive e o mundo em que todos desejam viver. Caridade porque, uns mais outros menos, fazem a experiência da autodoação, do compromisso com aqueles que sofrem sem esperar retribuições, da luta pelo bem comum.

A comunidade *Avaaz* já alcançou diversas vitórias nesse sentido: condenaram a caça inescrupulosa às baleias em risco de extinção na Islândia e aos elefantes na África; impediram a remoção forçada do povo Masai da terra de seus ancestrais pelo governo da Tanzânia; aprovaram lei na Europa que proíbe produção de pesticidas letais às abelhas até 2015; conquistaram auxílio aos estudantes sírios na Grã-Bretanha, isenção de taxas de matrícula em universidades e acesso a financiamento dos estudos; influenciaram no reconhecimento do Estado Palestino pela ONU; pressionaram a criação do programa de ajuda financeira educacional para 3 milhões de crianças no Paquistão através da campanha pela realização do sonho de Malala Yousafzai, de 15 anos, baleada pelo regime do Talibã; entre outras vitórias. No Brasil, ela foi responsável pelos maiores movimentos on-line da história do país na batalha por uma política sem corrupção. Para a aprovação da Lei Ficha Limpa foram enviadas ao Congresso mais de dois milhões de assinaturas com a contribuição da *Avaaz* e diversas manifestações nas ruas foram realizadas em julho de 2010 (AVAAZ, 2014).

Sendo assim, é possível considerar os trabalhos desenvolvidos pela *Wikileaks* e *Avaaz* como complementares. Enquanto um denuncia a sujeira institucional, o outro mobiliza e reivindica soluções aos problemas tornados públicos. Em ambos os casos, percebe-se que são grupos orientados por valores e virtudes de onde emerge uma espiritualidade própria dos tempos da rede que será abordada a seguir.

2 Bem comum, conexão e comunhão: uma espiritualidade comprometida com o mundo

As consequências da ousadia de enfrentar os poderosos deste mundo são trágicas e dolorosas. Presos, torturados, difamados, acusados de crimes que não cometeram, muitos são os mártires que dão a vida para que todos “tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10, 10). A verdadeira espiritualidade é fruto do amor-doação-sacrifício, a exemplo da *pathos* divina, da Paixão de Cristo (Rm 8, 35-39). A espiritualidade cristã deve ser fonte de vida e esperança, comprometida com o próximo e com a promoção do bem comum.

Bem comum se define como o conjunto de condições da vida social que permite e facilita a cada ser humano atingir de modo pleno a própria perfeição. Este princípio se origina da dignidade, unidade e igualdade de todas as pessoas humanas. Não consiste na mera soma dos bens individuais de uma sociedade, pois o bem comum é, ao mesmo tempo, de todos e de cada um, comum e indivisível, existe e se fortalece na medida em que os membros do corpo social mantiverem-se unidos. Enquanto o agir moral individual se concretiza ao fazer o bem, o agir social somente alcança sua plenitude gerando o bem comum (IGREJA CATÓLICA, 2004, n. 164-165).

Uma sociedade que tem como prioridade o bem comum é aquela que se coloca verdadeiramente a serviço da construção do ser humano integral. Este conceito funciona quando se pensa o ser humano como pessoa, pois a pessoa se realiza plenamente no seu ser *com* e *para* os outros. O bem comum corresponde às mais elevadas inclinações da pessoa humana, o que implica na busca incessante pelo bem e na responsabilidade comum a todos. Cada época possui necessidades específicas para garantir a dignidade da pessoa humana, tais como: a promoção da paz e concórdia entre os povos, a preservação do meio ambiente, o empenho pela justiça social, a eficácia da ordem jurídica e dos poderes públicos. Também faz parte da realização do bem assegurar os direitos fundamentais do ser humano: alimentação, moradia, trabalho, educação, acesso à cultura e à informação, saúde, transporte, liberdade de expressão e religiosa, igualdade de oportunidade.

O bem comum é a razão da existência de qualquer autoridade política. Por representar a sociedade, o Estado possui maior responsabilidade em sua procura. No entanto, o bem comum não é apenas um bem estar econômico, ele somente tem sentido quando vai além da história e remete ao bem comum universal transcendente da humanidade e de toda a criação, ao Sumo Bem. O evento Jesus Cristo é transhistórico, quer dizer, embora o Verbo ao fazer-se carne permaneça eterno, ele se transforma no ápice da história humana.

“Todo o homem deve ter a possibilidade de usufruir do bem-estar necessário

para o seu pleno desenvolvimento: o princípio do uso comum dos bens é o <<primeiro princípio de toda a ordem ético-social>> e princípio típico da doutrina social cristã” (IGREJA CATÓLICA, 2004, n. 170). Este princípio recorda que além dos bens naturais e materiais que os movimentos costumam reivindicar, o acesso à internet também é um bem. Portanto, é direito de todos. Assim, a inclusão digital é uma das exigências da era cibernética que deve ser meta do bem comum.

A destinação universal dos bens comporta um esforço comum a fim de obter a toda pessoa e a todos os povos as condições imprescindíveis ao desenvolvimento integral, de forma que todos possam colaborar com a promoção de um mundo mais humano e fraterno. Jesus testemunhou a relevância deste princípio para a fé e vida cristã ao pensar no povo que o seguia, ao dividir o pouco que alguns possuíam e livremente ofertaram, ao suprir a necessidade de alimento da multidão através da multiplicação dos pães e dos peixes. Aqui se demonstra a real espiritualidade evangélica e uma evangelização integral e encarnada. Enquanto Jesus pregava, ele também estava atento às necessidades corporais dos seus seguidores, por essa razão é que curava e fazia milagres.

Jesus Cristo é o Verbo Encarnado, não se pode viver uma espiritualidade autenticamente cristológica se não for encarnada na realidade humana, principalmente dos que sofrem de injustiça social. Quem tem fome não consegue rezar, estudar, desenvolver-se integralmente. Precisa-se lembrar de que a fé cristã ensina que o ser humano é um ser inteiro, corpo e alma formam uma só pessoa, as dimensões do ser humano (física, social, emocional, espiritual, racional) são inseparáveis. Assim como o corpo sente e até adocece quando nossas emoções estão abaladas (doenças psicossomáticas), é mais difícil à alma unir-se a Deus se o corpo estiver fragilizado. Portanto, a busca incansável do bem comum é parte constituinte de uma verdadeira espiritualidade evangélica.

“A miséria humana é o sinal manifesto da condição de fragilidade do homem e da sua necessidade de salvação” (IGREJA CATÓLICA, 2004, n. 183). As conclusões de Puebla recordaram a atitude sempre presente na Tradição cristã da qual Jesus foi o melhor exemplo de solicitude especial aos pobres. Não há real bem comum, muito menos comunhão do Espírito plena, enquanto não houver verdadeira caridade e partilha com os mais necessitados, enquanto houver omissão e indiferença. “Quando damos aos pobres as coisas indispensáveis, não praticamos com eles grande generosidade pessoal, mas lhes devolvemos o que é deles. Cumprimos um dever de justiça e não um ato de caridade” (IGREJA CATÓLICA, 2004, n. 184). Como Mt 25, 31-46 nos exorta, seremos julgados pelo cuidado que tivemos com aqueles que não teriam condições de retribuir nenhum favor; isto é, seremos julgados pelo amor. O amor é dar aos que necessitam, sem esperar nada em troca.

A caridade é o princípio e fim de todas as coisas, seja do bem comum, das relações e conexões na rede, da comunhão entre as pessoas e das pessoas com Deus. Pois Deus é amor e amor é comunhão, um eterno dar-se à pessoa amada. Quem ama não permite que o amado passe necessidade ou moléstia sem tentar ajudá-lo. As bem-aventuranças ensinam a Igreja e toda a sociedade ao amor pelos pobres. Tal atenção à pobreza se refere em primeiro lugar à pobreza material, mas também às diversas manifestações de pobreza cultural e espiritual. O próprio Cristo foi pobre, e no alto da cruz foi a imagem da pobreza e despojamento absoluto. Por isso, no rosto do pobre contemplamos o rosto do Filho Unigênito de Deus.

Conexão é uma palavra importante e frequentemente usada na sociedade em rede que significa interligação, relação de objetos tecnológicos ou de pessoas. Conectar é a ação de ligar uma parte à outra e por meio dessa união fazer a transferência de dados, energia, objetos. No caso da web, a conexão se estabelece por meio da relação entre pessoas que comunicam umas às outras informações, pensamentos, conhecimentos, interesses, ou seja, comunicam a si mesmas. Bento XVI entendeu bem a diferença entre conexão e comunhão. Na era digital a sociedade está completamente conectada por aparelhos e sistemas digitais, de uma maneira tecnológica e muitas vezes superficial as pessoas estão interligadas. Isso ainda não é comunhão, mas é possível, a partir da “sociedade em rede” (CASTELLS, 2005, p. 18), abriremos um processo evolutivo de maturidade humana e espiritual que nos leve a uma verdadeira comunhão.

A troca de informações pode transformar-se numa verdadeira comunicação, os contactos podem amadurecer em amizade, as conexões podem facilitar a comunhão. Se as redes sociais são chamadas a concretizar este grande potencial, as pessoas que nelas participam devem esforçar-se por serem autênticas, porque nestes espaços não se partilham apenas ideias e informações, mas em última instância a pessoa comunica-se a si mesma (BENTO XVI, 2013).

Comunhão é o processo que vai da pluralidade à unidade, se caracteriza por um acontecimento estritamente pessoal, íntimo, da mais plena relação de amor. Portanto, apenas se realiza entre pessoas. A comunhão tem como ápice e perfeição a Trindade. O amor-comunhão é a própria realidade e essência da vida divina. O Deus uno consiste na comunhão entre as três pessoas divinas, um intercâmbio de amor que se realiza como comunicação mútua de si mesmas (GRESHAKE, 2001, p. 222-223). O homem é relação misteriosa que só encontra clareza de si mesmo em Deus, principalmente na revelação, pois Cristo desvelou a plenitude do ser humano ao próprio ser humano. “A semelhança da *communio* humana a respeito da Trinitária [...] assinala o ser do homem como um mistério que necessita ser aclarado desde o

ser de Deus” (GRESHAKE, 2001, p. 224).

A comunhão humana se difere da *communio* divina, sob três aspectos: Primeiro, a existência autônoma individual, um ser humano pode existir mesmo se negar seu *ser-para-o-outro*, já a Trindade só é na relação entre as três pessoas divinas. Segundo, a substancialidade, a materialidade e a finitude humanas, bem como a capacidade e necessidade de transformar esses fatores em significados pessoais e espirituais. “Dessa maneira, da ingestão de alimentos pode surgir uma mesa comum, da sexualidade biológica um intenso encontro pessoal de amor, da necessidade da morte a entrega livre da vida” (Ibid, p. 226).

Ao trazer a *communio* para a realidade social, percebe-se como a essência trinitária, que o ser humano também é chamado a viver, nos ensina a superar a solidão, o fechamento, a indiferença, a exclusão e o egoísmo, os pecados mais em voga na era digital. Isso porque a comunhão transcende a simples diferença e une as pessoas em comunidade. Assim, unidade e diversidade são partes constituintes da comunhão. Em Deus não há uma essência que possa ser concebida independente da inter-relação entre as pessoas divinas, ou seja, não existe pessoa divina que possa ser independente da rede de relações que a une às demais (Ibid, p. 228-229).

O Pai realiza seu próprio ser enquanto se dá ao outro, ao Filho, possuindo assim sua divindade só <<como dada>>, mas recebendo também justamente desse modo da parte do Filho seu ser-pai; o Filho, enquanto recebe-se a si mesmo totalmente desde o Pai e lhe dá “glória”; o Espírito, enquanto se recebe a si mesmo como “o terceiro” a partir da relação entre o Pai e o Filho, glorificando a ambos. Dessa maneira, as três pessoas em Deus não tem a existência autônoma numa oposição de uma a outra, se não somente uma desde a outra, junto a outra e para a outra (Ibid, p. 231).

Sendo assim, como disse von Balthasar, as três pessoas divinas são o único e mesmo amor em três modos de ser – o amante, o amado e o laço de amor. Deus uno e trino é o amor mais elevado e desinteressado, o amor perfeito (Ibid, p. 233). Isso significa que no âmbito da criação, a forma de vida mais elevada é o amor. É na doação de si aos outros que a sociedade global pode alcançar o bem comum e isso só é possível no espírito de comunhão (Mt 5,46).

Conclusão

O Concílio Vaticano II nos alertou para a importância de estarmos atentos aos “sinais dos tempos” (*Gaudium et spes*, n.4). A internet é um sinal visível do desejo e chamado humano à comunhão, tanto à fraternidade entre os povos quanto a participação no amor vívido da Trindade. A Igreja é e sempre será ícone da Trindade.

Contudo, a sociedade em rede é uma metáfora da vida e dinâmica trinitária que deve ser refletida para melhor compreensão de nossa fé por parte da geração atual. Por isso Antonio Spadaro diz que a Igreja e a internet são duas realidades destinadas a se encontrarem (SPADARO, 2012, p. 24). A Igreja no mundo de hoje é uma Igreja em rede, ou melhor, uma comunidade de comunidades. A Igreja do Concílio é *Ecclesia de Trinitate* (FORTE, 2005, p. 24).

Teólogos como Johann B. Metz, Jürgen Moltmann e Leonardo Boff retiram do dogma trinitário contribuições diretas para a vida social e comunitária. Assim como a concepção do Deus Único foi usado como argumento para a legitimação do poder imperial ou régio absolutista, a fé trinitária reforça a compreensão de política pública para uma sociedade sem classes que vise o bem comum. A vida trinitária deve servir de inspiração ao universo político como força de abertura a teorias e práticas sociais mais justas, igualitárias e fraternas.

A vida cristã deve ser uma ampliação da vida trinitária, a Trindade precisa tornar-se o princípio pelo qual deve se guiar a vida social. Ela serve de inspiração para uma organização mais plena da sociedade, como unidade que reconhece as diferenças e se realiza na participação e mediação mútua. Além de considerar as diferenças e a alteridade como riquezas, a fé trinitária valoriza a relação e a comunidade, a igualdade e a participação, a conexão e a complementação recíprocas, a interdependência e a descentralização.

Este artigo buscou justamente por em prática o conceito de Ciberteologia, pensar a fé cristã nos tempos da rede (SPADARO, 2012, p. 40-41), em especial, refletiu-se a contribuição da fé trinitária para a sociedade em rede. Descobriu-se assim que a sociedade enredada caminha para a semelhança com a Trindade, mas para isso de fato acontecer, uma espiritualidade autenticamente trinitária precisa permear os membros dessa sociedade. Não no sentido que todos devem tornar-se cristãos, mas que todos vivam o amor em plenitude. “Nisto conhecemos o Amor: ele deu sua vida por nós. E nós também devemos dar nossa vida pelos irmãos” (I Jo 3, 16). O maior legado que a fé cristã proporcionou à humanidade é o espírito de fraternidade universal, a revelação de sermos filhos de Deus, portanto, irmãs e irmãos em Cristo.

Neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a «mística» de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada. Assim, as maiores possibilidades de comunicação traduzir-se-ão em novas oportunidades de encontro e solidariedade entre todos (FRANCISCO, 2013, n. 85).

A espiritualidade que emerge dos movimentos sociais da rede é a experiência de um Deus em Rede, de um Deus Conosco, um Deus Amigo, um Deus Amor-Comunhão. Assim, a ciberteologia, à luz da Trindade e da lógica da rede, não é uma teologia de cima para baixo ou de baixo para cima, mas agrega tudo em um só modelo, é “peer-to-peer”, quer dizer, de nó a nó, de lado a lado, de pessoa a pessoa. Ele está no meio de “nós”. Ele está dentro de “nós”.

Referências:

AVAAZ. *Quem somos*. Disponível em: <<<http://www.avaaz.org/po/about.php>>>. Acesso em: 22 de jun. de 2014.

_____. *Nossas Vitórias*. Disponível em: <<<http://www.avaaz.org/po/highlights.php>>>. Acesso em: 25 de jun. de 2014.

BENTO XVI. *Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização*, 2013. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day_po.html> Acesso em: 24 de nov. de 2013.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. CARDOSO, Gustavo (Orgs). *A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Ação Política*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 4 e 5 de Março de 2005.

FERDINAND, Peter. *Ciberpoder*. Revista Concilium, nº 309. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005/1.

FORTE, Bruno. *A igreja: ícone da trindade*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. Roma, 2013. Disponível em: <<http://www.vatican.va/evangelii-gaudium/po/index.html>>. Acesso em: 04 de dez. de 2013.

GRESHAKE, Gisbert. *El Dios Uno y Trino: Una teologia de la Trinidad*. Barcelona: Herder, 2001.

HURTADO, Manuel. *Fé e Seguimento*. ITAICI: Revista de Espiritualidade Inaciana, n. 91. Itaiçi, SP: março de 2013.

IGREJA CATÓLICA. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. 2004. Disponível em: <<http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html>>. Acesso em: 10 de

jun. de 2014.

_____. *Gaudium et spes: a Igreja no mundo atual*. Roma, 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 30 de set. de 2013.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

MOLTMANN, Jürgen. *Trindade e reino de Deus: uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: Pensar o Cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012.

WIKIPEDIA. *Ciberguerra*. Disponível em: <<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ciberguerra>>>. Acesso em: 14 de jun. de 2014.

WIKILEAKS. *About*. Disponível em: <<<https://www.wikileaks.org/wiki/WikiLeaks:About>>>. Acesso em: 28 de jun. de 2014.